

SENTINELLA

DA LIBERDADE.

Subscreve-se para esta Folha a 5\$000 réis por semestre, pagos adiantados, na Casa do seu Redactor, rua Clara n. 6; na do Sr. João Carlos de Araujo Bascos; e nesta Typographia, e nas mesmas se vendem folhas avulso á 100 réis.

VESTIBULUM INSOMNIS SERVAT
NOCTESQUE DIESQUE. — Virgil.

Porto Alegre, Na Typ. de Claudio DUBREUIL, & Companhia, Rua da Praia

RIO DE JANEIRO.

Camara dos Deputados — Sessão de 19 de Julho de 1836 —

Ordem do Dia. — Discussão da suspensão de Garantias na provincia do Rio Grande. —

O Sr. Estevão Rafael de Carvalho. — Sr. Presidente! No combate que offereci a meus contrarios, estes, abandonando-me o campo fronteiro, apertão-me pelos flancos. Em tal posição cumpre-me fazer um ultimo esforço que lhes ha-de sêr duro. Quero mostrar que o Governo está convencido da não existencia da rebellião da provincia do Rio-Grande e que só parece têr fins particulares.

O Sr. Araujo Ribeiro demorando-se, á sua chegada, 18 dias na villa do Rio-Grande, devendo marchar immediatamente para a Capital, como ja hontem ponderei, mostra (Documento 1.º), ou muita simplicidade, ou malicia.

Mandando dizer á Assembléa Provincial, quando o chamou para dar-lhe posse, que iria promptamente, e passados quatro dias tomando posse na villa do Rio-Grande, mostra (Documento 2.º), ou muita simplicidade, ou malicia.

Dizendo á Assembléa Provincial que assim obrára em consequencia de suas instrucções, e passados poucos dias fazendo imprimir á vista de seus contrarios um Officio pelo qual pedia ao Governo approvasse o seu procedimento, mostra (Documento 3.º), ou muita simplicidade, ou malicia.

Recebendo um Officio do chefe da contra-revolução de Porto-Alegre de 16 de Junho, fazendo-o imprimir a 18 do mesmo mez á vista do inimigo, mostra (Documento 4.º), ou muita simplicidade, ou malicia. Certa-

mente, publicar este Officio que dizia soccorresse aos contra-revolucionarios, porque estavam fracos e vér-se-hião vencidos se o inimigo os atacasse, não é recommendar ao inimigo que o cerca que marche a suffocar aquelles infelizes insensatos?!

Enquanto o Sr. Araujo Ribeiro praticava inconsequencia sobre inconsequencia, o Governo o sustentou; mas, assim que por algum tempo obrou sisudo, elle foi demittido! Eis chega a noticia da ultima inconsequencia que mencionei, e elle he reintregado!.... O Sr. Ministro diz que o Governo assim obrara em consequencia do pedido que fizêrão os Patriotas! Esta mesma confissão é uma prova do que acabo de dizer; pois, se a mudança do Sr. Araujo Ribeiro era necessaria, o Governo não devera desmanchar o seu plano por consequencias tão irreflectidas, ou então é uma prova de que o Governo tem obrado a êsimo. Qual é pois a causal de uma tal reintegração? Seria o holocausto d'essas victimas de Porto Alegre que o Sr. Araujo Ribeiro offereceo, em nome do Governo, sobre o altar da Anarquia?!....

Eu vejo que, no mesmo dia em que é reintegrado o Sr. Araujo Ribeiro, é demittido o Presidente de Santa Catharina, o qual tinha conseguido da Assembléa Provincial de Porto Alegre a livre communicação entre as duas provincias sem hostilisação d'aquella como mais forte. Eu acabo de ouvir o Sr. Ministro declarar-se contra a Emenda, que está sobre a mesa, que concede Amnistia, por não têr ella excepções, por ir desalentar os defensores da Legalidade, por ir destruir os gloriosos feitos de Junho. Os gloriosos feitos de Junho serão o sacrificio d'esses miseraveis de Porto-Alegre?! Os defensores da Legalidade serão os contrarios do Sr. Araujo Ribeiro, a quem se não quer desalentar deixando de of-

frecer-lhes novas victimas?! Pertende o Governo sacrificar até o ultimo d'esses que se dizem defensores da Legalidade?! Inda não basta de victimas!!! Se o Governo tem por fim sacrificar os Patriotas, declare-o que o meu voto é seu; mas basta de têr sacrificado o Sr. Araujo Ribeiro, annuindo ao pedido dos Patriotas, o qual hade têr a sorte do Sr. Braga; e cá o espero.

O Sr. Ministro affirma-nos que o Governo, quando dêo a Amnistia, estava prompto a cumprir a sua palavra, mas que os revoltosos não quizerão servir-se d'ella. Se o Governo quer cumprir a sua palavra, não deve mais lembrar tal coisa, porque a Amnistia foi para os sediciosos e a sedição tinha cessado quando lá chegou o Sr. Araujo Ribeiro. O movimento actual é mui distincto d'esse primeiro; confundil-os é má fé, é não querer cumprir a sua palavra.

— As cinzas do Coronel Albano, diz o Sr. Ministro, jazem insepultas em um canto desconhecido da provincia e estão clamando justiça! — Mas contra quem, pergunto eu, é essa justiça d'Armas ou vinganças? Contra os que o sacrificarão, ou contra os que o entregarão ao sacrificio? Acaso o Governo quer ensopar de sangue todo o territorio d'aquella provincia para aplacar os manes do Guerreiro, d'est'arte fazendo uma libação sobre o seu tumulo desconhecido?!... Quem sabe se o Sr. Araujo Ribeiro, em cujo coração não entrando a malicia só fica a simplicidade, é a victima expiatoria destinada para a conclusão do sacrificio!!! — A sua demissão, acrescenta o Sr. Ministro, não foi quebra de conceito que tivésse para com o Governo, pois desde o dia em que saltou na provincia começou a fazer e tem feito relevantissimos serviços! — Agora sei a causa da sua demissão e da sua reintegração. Mas quaes são esses relevantissimos serviços?!... Parece-me que são os que acabo de expôr.

Não terei pois demonstrado que o Governo, ou conhece a não existencia da rebellião em Porto-Alegre e tem fins particulares, ou reconhecendo a existencia d'ella, tem obrado a êsmo?!....

Sr. Presidente, conheço que o Governo não deve desistir da emprêza, porque então elle perde a força moral, e ai do Brasil! mas tambem não deve continuar a guerra que é devastadora.

A Emenda de Amnistia, unicamente como medida politica e não filantropica, concilia estas coisas. Voto pois contra o Projecto.

(Do Sete de Abril n. 376)

HUMILDE PETIÇÃO.

“ *A Imprensa periodica, digão o que quizerem, raras vezes pode assustar um bom Governo*” assim se explicava a Aurora Fluminense no dia 12 de Outubro de 1835, dia em que tomou posse o novo Regente, e se abriu para o Brasil um vasto campo de prosperidade ou de miseria publica. Crêmos que á ninguem será suspeito o Autor da nossa epigrafe, e muito menos suspeitas as suas idéas, quando se trata do homem dos seus respeitos e da sua devoção. Um bom Governo não pode assustar-se com a Imprensa periodica, porque se ella diz a verdade, nisso mesmo faz o seu elogio; e si falta á ella, ou calumnia a Administração, ganha por isso o odio da gente de bem, e eleva o merecimento dos seus agentes; porem um *mão governo* deve tremêr á cada passo que ouve apregoar um novo Jornal, porque os seus actos são esmiuçados, e repetidos por mil bocas, que os transmitem á tôdos os angulos e a todos os lados do paiz; neste caso o Governo tem de ceder o passo á influencia do Jornalismo, ou tem que armar-se contra os typos e contra os Prelos, e fazer-lhes dura guerra; haja vista o Ministerio Aureliano, Chichorro e Comp., que ainda dilaton por mais um anno o seu ferrenho poder. Isto mesmo não he regra infallivél nos paizes cultos, porque um tal procedimento levantaria o povo em massa, si fosse em Inglaterra, na França, ou nos Estados Unidos; porem no Brasil pôde praticar-se impunemente, porque a liberdade entre nós outros he como as sedulas, que correm, ainda mesmo sabendo-se que são falsas. Sem embargo não sabemos sé hum segundó esforço sortiria bom effeito, porque a liberdade de Imprensa he a ultima garantia que nos resta, e privar-nos della seria dar garrote ao pensamento, unico refrigerio dos nossos males. Todavia pôde dizer-se, que o seu abuzo he um mal, que deve cortar-se de raiz, porque pôde trazer imensas calamidades, e pode produzir reacções violentas como na França ou nos Estados Unidos ultimamente; porém podemos assegurar, que no Brasil a Imprensa nunca produsirá uma revolução, por aquella regra de, *cão que ladra não morde*. Diz-se que a imprensa concorreu para o descrédito do ex-Imperador, e para a sua abdicção, e nós dizemos que tal não houve; por que uma sedição militar, que consumou a revolução, não podia ser effeito da Imprensa senão da demoralisação do Exercito, para que tinham con-

corrido mil causas independentes da liberdade de exprimir o pensamento sem previa censura. O abuso da liberdade da Imprensa na França he um mal vehemente, porque os Francezes formão um Povo denodado, cheio de independencia e de brio, acostumado ás revoluções politicas, que ainda nutrem seu espirito inquieto e marcial, cheio de vida e de gloriosas recordações; porém nós, pobre de nós! que temos de commum com a França? Todo o mundo sabe que não possuímos um Louvel nem um Fieschi, e nesta parte muito ganhámos na comparação: as nossas relações são miseraveis, nunca passão de meros entremezes, em que o desfecho he sempre digno de riso; o Governo conhece esta verdade mais que nós outros. As unicas revoluções que podem chamar-se taes, são as que tem havido no Pará, e ultimamente no Rio Grande; e de certo não foi a imprensa que as produziu, e si o foi, não pode dizer-se que fôra a Imprensa da opposição; os partidos que se achão em campo nas duas Provincias, são fracções do partido que tem até hoje regido os destinos do Brasil. Sabemos que um só papel bem escripto pôde trazer o descrédito da Administração, e que pode influir nas proximas eleições; sabemos que pode transtornar muitos planos de futura elevação ou de grandes calculos de interesse privado; Sabemos por isso mesmo que se nos fará guerra de morte, se nos ameaçará, tentar-se-ha um segundo 5 de Dezembro de 1833, e tudo isto se fará impunemente porque ninguem, ninguem absolutamente resistirá; porém isto mesmo não dará muito credito ao Governo, nem aos seus agentes, nem ao seu partido; só o que *supplicamos* he, que nos avisem *moderadamente* dias antes para deixar-mos de escrever, porque seria uma crueldade privar do unico meio de vida a uma pobre familia, que possne uma Imprensa, pelo gosto de castigar nella a audacia de um Escriitor.

(Do Raio de Jupiter n. 1.)

PORTO ALEGRE.

Estão batendo-nos á porta as eleições, para Juizes de Paz, e Vereadores; em nossa humilde opinião, nada ha mais importante como a verificação de tal acto.

A eleição de Juiz de Paz he a função Publica mais Magistosa, que achamos na legislação em vigor; nada menos he, que investir hum homem de todas as attribuições Juridicas, e Magisticas, exceptuando-lhe apenas a de conferir as Ordens á *Ordinandos*, tudo

o mais lhe he privativo, basta reflectir, que 40, e tantas leis pesão sobre seus hombros: todas essas antigas Jurisdições; todos esses antigos Magistrados, baquearão com a nova creação da Magistratura de Paz. E quem haverá que não conheça, que a denominação de — *Juiz de Paz* — nada mais he, que huma denominação magica? Não serão antes, verdadeiramente fallando (feitas as honrosas excepções) Juizes de guerra? Quem haverá que ignore o que taes Juizes tem praticado, e praticão por esses lugares remotos da Provincia, e até mesmo na Capital, e suas visinças, mandando assassinar, dar rodas de páo, e até obrigando seos concidadãos a reunirem-se ás fileiras rebeldes, proclamando-lhes, sedusindo-os, aterrando-os, e até mesmo pondo-se á sua frente nos combates? Quem haverá, disemos, que ignore, que os Juizes de Paz desta Cidade forão em grande parte os promotores do *glorioso Gonçalves-ta 20 de Setembro do anno passado*? Não foi visto o do 3.º Districto Ignacio José de Abreo na noite do dia 19, misturado com a canalha rebelde no acampamento da Azenha? Por outra vez; não foi visto recolher-se *este personagem* na madrugada do dia seguinte á sua caça, acompanhado por huma escolta de 14 rebeldes? Repetimos: (feitas as honrosas excepções); mas se as eleições preteritas em que taes homens forão suffragiados recalissem em homens probos, em homens, que reconhecessem a Justiça de hum Deos, os deveres de hum subdito, as obrigações contraidas para com a lei, para com o Monarcha, e para com o Estado em geral, promoverão elles, como promoverão a rebellião, em que sanguinosamente luctamos com perca de tantas vidas, com o aniquilamento de tantas familias, então abastadas, e hoje arrasadas, e pobrissimas? Crêmos firmemente, que não: que a lição do passado, nos deve servir de guia para o presente, e para o futuro. Nossos Com-parochianos fação muito escrupulo em seus candidatos; não queirão, a Sentinella lho supplica, mais Juizes, que se assemelhem áquelles; que promovão suas ruinas, suas desgraças seus padecimentos: queirão Juizes de paz, de mansidão, e de conciliação.

Pode-se-nos perguntar: Aonde estão homens que assim se possão denominar, que presem a sua honra, e o bem estar de seus semelhantes? E nos dirão que todos tem huma cara, e a mesma côr; nenhum sobre escripto, nenhum rotulo lhe achamos, para conhecê-los ou distingui-los; mas nós lhes respondemos, que os da mesma côr, e os da mes-

ma cara, são os que arrancarão das garras da anarchia esta heroica cidade, com o que salvarão toda a Provincia da guerra civil, em que a tinham submergido homens perversos, e malvados; que também tem a mesma cara, e a mesma côr: e não andão aquelles homens cheios de honra, e de brio nacional bem á vista? Não são elles bem conhecidos de todos os seus concidadãos? Pois porque não serão eleitos? Porque não serão nossos candidatos, e não esses homens suspeitos, que nutrem pura aversão aos homens probos, aos homens da lei? Nossos Juizes, nossos mandatarios, não devem ser outros; não devem pertencer a outro circulo, que não seja o traçado na Constituição: nossa honra o reclama; e a Sentinella conjura á seus concidadãos para que assim o fação, para que assim o pratiquem.

As eleições para Vereadores, não são de menor importancia; sobre esta Corporação de Honra pesão os maiores trabalhos do Municipio; sua responsabilidade he immensa, e sua Auctoridade administractiva, e policial mais immensa he, estas eleições não devem recahir senão nos homens bons do Municipio, nos homens de reconhecida probidade, e amigos da Constituição, e das leis. Quem ha que não esteja ao facto dos males, que nos tem resultado da pessima eleição, recabida em alguns homens; que tem servido na Camara Municipal desta Capital: recordem-se nossos concidadãos da Deputação nomeada, e enviada pela mesma Camara ao Presidente Mariani conjuntamente com os homens do motim, quando a posse do mesmo Mariani; da coadjuvação, que prestarão aos cabeças da insurreição de 20 de Setembro do anno passado; dos tramas insidiosos, que armarão para a deportação do Presidente Braga; do abuzo de Auctoridade que commetterão, negando os Diplomas de Membros da Assemblêa Provincial ao mesmo Braga, e ao Marechal Barreto: provado fica, que taes Vereadores não devião ser eleitos; não estavão na rasão de merecer nossos suffragios; são inimigos da Constituição, e das leis: o Municipio he fartilissimo em Cidadãos probos, em homens de recta rasão; são estes, os que devem ser os Vereadores, e não os que cavão nossa ruina como os a quem nos referimos.

— Da Fronteira, nada sabemos de positivo, nenhuma peça officiaes são publicadas: este misterio nos parece incomprehensivel: huns disem que os rebeldes sendo acossados emigrarão para o Estado Oriental, outros que o caudilho *Neto* tentara ganhar as posições do Sul do Rio Grande; mas, que as forças ao

mando do Sr. Commandante Superior da G. N. lhe obstarão a tentativa; e outros finalmente asseverão, que as forças rebeldes se achão no candiotinha, e as do Governo no candiota: seja porem como for o que julgamos de mais acerto he, que os inimigos da Ordem ainda não desistirão da empreza; que nos não devemos descuidar em o redobro de nossos esforços contra essa hydra malvada; contra essa facção sanguinaria; que hoje não vive acobertada.

— Sabemos de boa parte que José Gomes de Vasconcellos Jardim escreveo para esta Cidade a hum seu amigo, ou parente, rogando-lhe, obter da equidade do Governo legal perdão, para poder recolher-se á sua caza com sua familia; e relata a carta, que está vivendo desgraçado, e summamente pobre, que illudido por Domingos José de Almeida, e outros, que outr'ora forão seus hospedes, e por alguns discursos, que ouviu, e se pronunciarão na sociedade do *Continental*, se prestara a actual rebellião: que passa muito mal, sempre enfermo, principalmente de huas fistulas, que o impossibilitão de montar a cavallo; que deseja ver-se fora, e longe da canalha que o cerca; que ali não ha vintem; que os moradores vivem como espavoridos; e finalmente que está vêndo quando hum dia ali fica tudo estendido.

Eis o homem do Palacio do Piratinim, que decreta excellencias, e ordenados de contos de reis, chorando pitanga! E que se lhe hade fazer? Quer perdão; para si, e sua familia: está pobre! Malvado! Te não lestras dos assassinios, a que destes ança com o teu glorioso 20 de Setembro? Como perdoar-te? Como receber-te a sociedade Rio-Grandense? Hasde expiar teu crime; jamais ficarás impune; descança.

EDITAL.

De Ordem do Illm. Snr. Inspector da Thesouraria se faz publico que se ha de contractar, pelo tempo que falta para se ultimar o actual anno financeiro, a quem o fizer com mais vantagens da Fazenda Nacional, a administração das Capatazias das Alfandegas desta Cidade, da do Rio Grande, e de S. José do Norte, debaixo das condições encorporadas no Capitulo 3.º do Regulamento de 22 de Junho do corrente anno.

Aquellas pessoas que a semelhante contracto se propozerem, se dirigirão a Salla das Sessões da referida Thesouraria em todos os dias uteis por si ou seus Procuradores. E para que chegue á noticia do Publico, se mandou afixar, e publicar. Secretaria da Thesouraria da Provincia de São Pedro do Sul em 22 de Dezembro de 1836. — O Official Maior *Antonio José Pedroso*.

— Vende-se huma Negra, boa cosinheira, lavadeira, engomadeira, e com outras prendas: acha-se grávida; a pessoa que a pertender procure na Rua Clara, casas n. 6.

— Vende-se hum lance de casas sito na rua do Cotovelo, quasi fronteiro ás da residencia do Cirurgião Moraes: a pessoa a quem fiser conta dirija-se á sua proprietaria Felicia Rosa da Conceição moradora no mesmo.

Typographia de Claudio Dubreuil, & Comp.: 1836.